

REDE URBANA REGIONAL, CIDADES MÉDIAS E CENTRALIDADES*

ESTUDO DE MONTES CLAROS E DOS CENTROS
EMERGENTES DE PIRAPORA, JANAÚBA
E JANUÁRIA NO NORTE DE MINAS GERAIS

IARA SOARES DE FRANÇA
BEATRIZ RIBEIRO SOARES

* Agradecemos o apoio da
Fundação de Amparo à Pes-
quisa do Estado de Minas
Gerais - FAPEMIG.

RESUMO *Nos últimos anos o Brasil vem passando por profundas transformações em sua configuração urbana. A especialização e consolidação das atividades desenvolvidas no território nacional materializam-se na rede urbana brasileira. Nesse contexto, deve-se analisar o papel das cidades médias na estrutura urbana, considerando, notadamente, as funções que elas exercem em âmbito regional. Este trabalho investigou os papéis desempenhados pela cidade média de Montes Claros e as interações espaciais e econômicas estabelecidas com os centros emergentes de Janaúba, Januária e Pirapora na rede urbana norte mineira na atualidade. Para a obtenção dos resultados almejados, foram realizados registros iconográficos, confecção de mapas, tabelas e gráficos e entrevistas com a população dos municípios de Januária, Janaúba e Pirapora, no ano de 2010, a fim de compreender as interações espaciais entre as cidades e, com isso, a configuração da rede urbana regional.*

PALAVRAS - CHAVE *Rede urbana; centralidade; fluxos; interações espaciais e econômicas; norte de Minas Gerais.*

INTRODUÇÃO

O Brasil passou por profundas transformações em sua estrutura urbana, decorrente de conjunturas econômicas e políticas que o país experimentou e se encontra atualmente. Nesse contexto, o fenômeno urbano no Brasil, nas últimas décadas, revelou um novo padrão de urbanização.

Os dados do recenseamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que, em 2010, 84,36% da população residia em áreas urbanas. Isso representava, no mesmo ano, 165.898.169 pessoas vivendo nesses espaços. Esses números demonstram a alta taxa de urbanização, em um país que conta com grande contingente populacional, 196.655.014 habitantes. (Censo Demográfico do IBGE, 2010).

Uma das características que marcam o atual fenômeno urbano no Brasil refere-se ao “aumento do número de cidades locais e sua força, assim como dos centros regionais, ao passo que as metrópoles regionais tendem a crescer relativamente mais que as próprias metrópoles do sudeste” (Santos, 1994, p.134).

Essa nova configuração urbana decorre de diversos processos e novas conjunturas econômicas e políticas, notadamente, observa-se a descentralização econômica a partir do

Sudeste, principalmente do estado de São Paulo. Com isso, os espaços não metropolitanos passam a desempenhar papéis econômicos importantes, antes restritos às grandes metrópoles, aumentando em tamanho, número e importância funcional.

Os processos de metropolização e desmetropolização, vinculados à participação de espaços não metropolitanos, cidades médias e pequenas, na rede urbana brasileira, não se manifestam apenas sob o aspecto quantitativo do elemento demográfico, mas estão intimamente relacionados a uma reestruturação na cadeia produtiva. Nesse sentido, Gomes (2007, p.15) afirma que:

As tendências de reestruturação produtiva, seja da desconcentração da economia, seja da reversão da polarização, com relativa dispersão da indústria e reconcentração regional, provocaram a inserção de pólos ou regiões de crescimento, que tiveram capacidade de capturar novas atividades econômicas.

As cidades médias representam, assim, importantes elementos de análise ao cumprirem destacado papel na estrutura da rede urbana brasileira nas últimas décadas, principalmente após a década de 1970. Sobre o papel das cidades médias na rede urbana brasileira, Davidovich (1995) atribui à década de 1990 uma mudança nas escalas da metropolização e na própria complexidade do fenômeno urbano sobre o território. Essa mudança marca a emergência de novos conjuntos espaciais polarizadores do crescimento da população urbana, que passaram a desempenhar o papel de centros metropolitanos à escala regional.

Nessa perspectiva, este trabalho analisa a configuração atual da rede urbana norte mineira, sob o comando da cidade média de Montes Claros/MG como polo regional, destacando as interações espaciais e econômicas realizadas com os centros emergentes de Pirapora/MG, Janaúba/MG e Januária/MG. Foram analisados os elementos que promovem a integração e a articulação entre esses municípios na rede urbana regional. A metodologia utilizada consistiu em análise bibliográfica de autores que discorrem sobre as temáticas: rede urbana, centralidades, cidades médias, fluxos e fixos (Christaller, 1966; Corrêa, 2004; Davidovich, 1995; Santos, 1988, 1996 e 1994; Souza, 1995; Spósito, 2006). Além disso, foram realizadas, no ano de 2010, entrevistas com a população dos centros emergentes em estudo, a saber: Januária, Janaúba e Pirapora, totalizando 37, 43 e 50 roteiros aplicados, respectivamente. Associado a isso, procedeu-se a registros iconográficos e confecção de mapas, tabelas e gráficos, com os resultados obtidos.

A REDE URBANA BRASILEIRA: ASPECTOS HISTÓRICOS E SUA CONFIGURAÇÃO ATUAL

Para se abordar os aspectos gerais da rede urbana brasileira é necessário entender o processo de formação das cidades como centros gestores e articuladores da rede urbana nacional.

A urbanização brasileira está atrelada ao processo de ocupação do território durante o período colonial, entre 1500 e 1800. Essa ocupação ocorreu primeiramente na costa do Nordeste, formando as primeiras vilas para dar suporte à exploração pela metrópole portuguesa, servindo como portos, entrepostos comerciais e centros de gestão do território. Contribuindo com essa análise, Santos (1994, p.17) afirma que:

O Recôncavo da Bahia e a Zona da Mata do Nordeste ensaiaram, antes do restante do território, um processo então notável de urbanização e, de Salvador pode-se, mesmo, dizer que comandou a primeira rede urbana das Américas, formada, junto com a capital baiana, por Cachoeira, Santo Amaro e Nazaré, centros de culturas comerciais promissoras no estuário dos rios do Recôncavo.

Nesse contexto a urbanização brasileira esteve fortemente ligada à estrutura produtiva de base exploratória. A crise da exploração da cana-de-açúcar no Nordeste contribuiu para a mudança do eixo econômico do país, antes concentrado no Nordeste e atualmente no Sudeste, em outras bases produtivas. Esse fato teve influência direta na urbanização, tal como discorre Santos (1994) que a partir da segunda metade do século XIX a produção de café em São Paulo tornou este estado um polo dinâmico de vasta área que abrange os estados ao sul do país incluindo, ainda que de modo incompleto, o Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Mesmo com a emergência de São Paulo como importante centro econômico do país na segunda metade do século XIX a rede urbana brasileira apresentava pequena complexidade funcional, além de pouco grau de articulação entre as cidades que formam os “nós” dessa rede e um padrão espacial que revelava a difícil interação entre os centros urbanos. Isso se deve a pequena divisão territorial do trabalho, à baixa integração nacional e às atividades industriais que ainda não tinham adquirido a expressão econômica que têm hoje (Gomes, 2007). Essas características da rede urbana brasileira perduraram até a década de 1950 do século XX, momento em que o país passou por transformações sociais e econômicas afetando profundamente a sociedade brasileira e também a rede urbana nacional.

De acordo o estudo do IBGE denominado Região de Influência das Cidades/REGIC (2007) o avanço da divisão técnica e territorial do trabalho e as transformações decorrentes das novas formas de comunicação ampliaram a organização em redes de produção e distribuição, de prestação de serviços, de gestão política e econômica, cujos nós são constituídos pelas cidades.

Corrêa (2004, p. 317) colabora com a análise da rede urbana brasileira no decorrer do século XX destacando que:

Os processos que ocorreram alterando a rede urbana não se manifestaram simultaneamente em todos os lugares. Manifestaram-se primeiramente em certos pontos privilegiados do território nacional, em regra na *core area*, particularmente nas metrópoles paulistas e carioca, de onde se fundem de modo desigual pelas redes urbanas regionais.

Além de São Paulo e Rio de Janeiro, consolidaram-se como metrópoles outras cidades brasileiras como Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Recife e Curitiba, caracterizando o processo conhecido como *metropolização*. (Gomes, 2007, p.16).

A partir das contribuições de Santos (1994), Corrêa (2004) e Gomes (2007) aqui esplanadas, verifica-se que as transformações econômicas e políticas que o Brasil vivenciou entre os séculos XVI e XX intensificaram o fenômeno urbano nas metrópoles já existentes e naquelas em formação. Com isso, a rede urbana brasileira comandada pelos principais centros urbanos iniciou um processo de maior complexidade e integração, notadamente ao final do século XX.

Desde então, a reestruturação na rede urbana brasileira foi observada não somente no plano intraurbano, mas também no plano interurbano. Isso traduziu, dentre outros

processos, em grande crescimento econômico e populacional e na alteração da centralidade dos centros urbanos. Esses fatores promoveram uma nova configuração na rede urbana brasileira, após a década de 1970, marcada por reestruturações econômicas, sociais e espaciais, desencadeadas, sobretudo, por políticas públicas de cunho federal.

A primeira metade do século XX foi marcada por um intenso processo de urbanização e crescimento econômico, sobretudo, nas cidades do estado de São Paulo, destacando a capital. (Santos, 1994). Nesse sentido, foram elaboradas políticas públicas e programas governamentais com a finalidade de desconcentração industrial e populacional das grandes metrópoles, proporcionando um maior equilíbrio regional. Essas políticas, de acordo com Castelo Branco (2006, p. 246), visavam à difusão do processo de desenvolvimento, com base nos “nós” da rede urbana, com destaque para as cidades médias. Essas ações foram materializadas no II Plano Nacional de Desenvolvimento/PND e explicitadas no Programa Nacional de Apoio às Cidades e Capitais de Porte Médio/PNCCPM na década de 1970. Nesse sentido:

A organização espacial do Estado brasileiro nos últimos 30 anos, e em particular do seu espaço urbano, é reflexo de um modelo de desenvolvimento, definido no âmbito do capital, que em função de sua melhor reprodução, privilegiou determinados pontos do espaço geográfico como objeto de investimento. Por sua vez, a alocação de recursos governamentais em lugares determinados, provoca também a concentração da população nesses locais, em virtude da oportunidade de empregos que surgem. (Pontes, 2006, p.327).

O que se assiste a partir desse momento é a redefinição da rede urbana brasileira por meio das estruturas já existentes, ou seja, a polarização das grandes metrópoles em escala nacional, mas também a inserção dos espaços não metropolitanos, isto é, as cidades médias e pequenas, como “nós” de articulação da rede.

A rede urbana brasileira é formada segundo níveis hierárquicos onde cada cidade possui suas características e papéis específicos.

Para a definição da hierarquia dos centros urbanos na edição do REGIC/2007, as cidades foram classificadas em cinco grandes níveis de centralidade que, por sua vez, foram subdivididos em dois ou três subníveis: cada nível representa o número total de cidades presentes na rede/região de influência, o número de habitantes e o número de relacionamentos. (França, 2012). (Quadro 1).

Quadro 1 – Rede Urbana Brasileira, 2007.

Níveis/Subníveis	Quantidade	Características
Metrópoles	12	Centros urbanos do país que se caracterizam por seu grande porte e por fortes relacionamentos entre si, além de, em geral, possuírem extensa área de influência direta.
Grande metrópole nacional	1	Está alocada no primeiro nível da gestão territorial.
Metrópole nacional	2	Estes centros estão no primeiro nível da gestão territorial e constituem foco para centros localizados em todo o país.
Metrópole	9	Constituem o segundo nível da gestão territorial.
Capital regional	70	Elas se relacionam com o estrato superior da rede urbana. Possui capacidade de gestão no nível imediatamente inferior ao das metrópoles, possuem área de influência de âmbito regional, sendo referidas como destino para um conjunto de atividades por um grande número de municípios.
Capital regional A	11	Possuem medianas de 955 mil habitantes e 487 relacionamentos.
Capital regional B	20	Totalizam 20 cidades, com medianas de 435 mil habitantes e 406 relacionamentos.
Capital regional C	39	Possuem medianas de 250 mil habitantes e 162 relacionamentos.
Centro sub-regional	169	São centros com atividades de gestão menos complexas, predominantemente entre os níveis 4 e 5 da gestão territorial; têm área de atuação mais reduzida, e seus relacionamentos com centros externos à sua própria rede dão-se, em geral, apenas com as três metrópoles nacionais.
Centro sub-regional A	85	Possuem medianas de 95 mil habitantes e 112 relacionamentos.
Centro sub-regional B	79	Possuem medianas de 71 mil habitantes e 71 relacionamentos.
Centro de zona	556	São cidades de menor porte e com atuação restrita à sua área imediata; exercem funções de gestão elementares.
Centro de zona A	192	Possuem medianas de 45 mil habitantes e 49 relacionamentos. Predominam os níveis 5 e 6 da gestão territorial (94 e 72 cidades, respectivamente) com nove cidades no quarto nível e 16 não classificadas como centros de gestão.
Centro de zona B	364	Cidades com medianas de 23 mil habitantes e 16 relacionamentos. A maior parte, 235, não havia sido classificada como centro de gestão territorial, e outras 107 estavam no último nível daquela classificação.

Fonte: REGIC, IBGE, 2007. Org.: França, I.S., 2012.

Montes Claros foi classificada como Capital Regional B, integrante da Rede Urbana de Belo Horizonte. As capitais regionais foram definidas pelo IBGE (REGIC, 2007) como aquelas que exercem forte polarização na região em que se localizam, influenciando as pequenas e as médias cidades, bem como as áreas rurais ao seu entorno (França, 2012). Nesse estudo do IBGE (REGIC, 2007, p. 94) Janaúba foi classificada como Centro Sub-regional B, Janaúria e Pirapora como Centros de Zona A, vinculados à Região de Influência de Belo Horizonte (IBGE, 2007, p.94).

O PAPEL DAS CIDADES MÉDIAS NA REDE URBANA REGIONAL: A REDE URBANA NORTE MINEIRA COMO OBJETO DE ESTUDO

As cidades médias no Brasil se destacaram econômica, política e demograficamente após a década de 1970. Isso se deu por meio de políticas públicas governamentais de cunho desenvolvimentista que objetivavam a descentralização das metrópoles em direção às cidades médias e pequenas (França, 2007). Para implementar tais ações o governo federal criou o II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento) e incluso nele estava o PNCCPM (Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio). Este possuía incentivos fiscais para estimular a implantação de indústrias e recursos públicos para investimentos em infraestruturas nas cidades de porte médio. Diante desse contexto: “Na última década, a indústria brasileira cresceu nas cidades médias e nas franjas metropolitanas convertendo esses territórios em pólos de atração de migrações internas e inter-regionais” (Soares, 2006, p.348-49).

Assim, após a década de 1970 assistiu-se à emergência de novos centros de decisões governamentais, de produção industrial, além de pontos de convergência e geração de fluxos de pessoas, mercadorias e informações. Diante desse quadro, indaga-se qual o papel das cidades médias na rede urbana brasileira? A rede urbana se estabelece a partir de centralidades e estas, por sua vez, se configuram como “nós” que conectam cada cidade à rede em que se insere, quer seja distribuindo, complementando ou recebendo os fluxos.

As cidades médias nos últimos 40 anos configuram-se como fortes e importantes centralidades em âmbito regional, assumindo o papel de conectar sua região à rede urbana, de forma subordinada e/ou complementar.

Montes Claros é apontada em diversos estudos (Andrade e Lodder, 1979; Amorim Filho, Bueno e Abreu, 1982; Pereira e Lemos, 2004; Pereira, 2007; França, 2012, 2007, entre outros) como uma cidade média na região Norte de Minas. Ela exerce polarização e atração regional por concentrar diversas atividades econômicas e prestação de serviços, além da infraestrutura que possui. Dentre as atividades instaladas na cidade de Montes Claros que a credenciam como *locus* regional, pode-se destacar o comércio diversificado de produtos (atacado e varejo) e os serviços especializados, por exemplo, a saúde, que devido ao planejamento federal e estadual tem uma amplitude regional. Os serviços de educação superior públicos e privados atraem pessoas de diversas cidades norte-mineiras, das regiões Central, Noroeste e Nordeste de Minas, além do Sul da Bahia.

Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982, p.41-44) desenvolveram um estudo sobre a Hierarquia das Cidades Médias em Minas Gerais. A partir de 25 variáveis, definiu-se 4 níveis para as cidades médias mineiras: Grandes Centros Emergentes (Nível 1), Cidades

Médias de Nível Superior (Nível 2), Cidades Médias Propriamente Ditas (Nível 3) e Centros Urbanos Emergentes (Nível 4).

Montes Claros foi classificada no referido estudo como Cidade Média de Nível Superior

[...] cidade que desenvolve paralelamente à indústria, dinâmicos setores de comércio e de serviços. Essa cidade além de fortalecer sua posição e sua relação de domínio regional, começa estender suas ligações a pontos situados além desse domínio. É uma cidade de estruturas bem consolidadas e cujo crescimento futuro, parece, sem dúvida, bem assegurado. (Amorim Filho, Bueno e Abreu, 1982, p.41-44).

Pirapora, Janaúba e Januária foram classificadas como centros urbanos emergentes

[...] cidade que se localiza na base da pirâmide hierárquica, com tamanho demográfico inferior a 50 mil habitantes. Cidade que apresenta uma economia em fase de estruturação inicial, isto é, os setores comerciais e de serviços e industrial começam a apenas organizar-se no sentido que poderão atender não somente as populações da própria cidade ou do próprio município. Cidade que raramente dispõe de um setor industrial, uma vez que, na maioria dos centros emergentes, o predomínio setorial quase absoluto é do terciário. Cidade que possui ligações profundas e dependência do mundo rural que a envolve, servindo para os espaços rurais como uma válvula de abertura para o mundo exterior. Em termos de estruturação das redes urbanas regionais ou microrregionais, essa cidade desempenha papel muito importante. Quando já se dispõe de capitais regionais e/ou cidades médias, essa cidade aparece como um nível urbano indispensável na ligação com cidades ainda menores ou com o seu próprio espaço rural, quando não se dispõe, ainda de capitais regionais ou de cidades médias numerosas, então o papel dessa cidade é mais importante ainda, pois passa a funcionar como uma cidade média. (Amorim Filho, Bueno e Abreu, 1982, p.41-44).

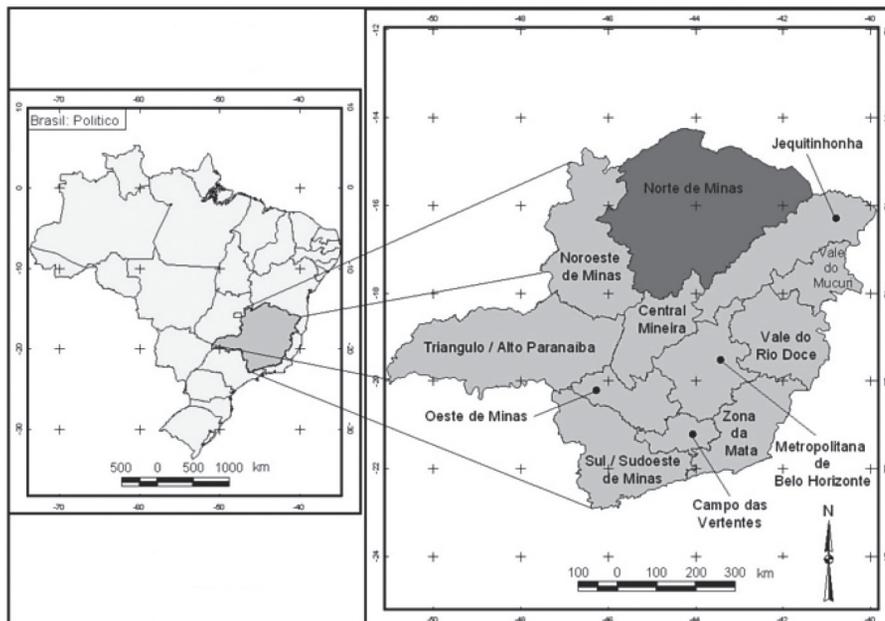
Desse modo, Januária, Janaúba e Pirapora configuram-se como importantes centros emergentes na região Norte Mineira, possuem um setor terciário dinâmico e relevante, evidenciando assim suas centralidades na microrregião em que estão inseridas.

O estudo da rede urbana em âmbito regional enseja uma série de análises no plano de suas especificidades e escala espacial. Isso por que, quanto menor a escala estudada, maior o detalhamento e análise de variáveis, elementos necessários para o entendimento do objeto de estudo. Castelo Branco (2006, p.259), considera que para a análise da configuração da rede urbana na escala regional deve-se observar:

Algumas de suas características formadoras como a dinâmica populacional e econômica da área, a evolução da ocupação e também alguns fatores geográficos como a área territorial (...), o grau de fragmentação municipal, a distância de grandes centros urbanos e inserção em grandes eixos de comunicação.

Isso significa que para a análise da rede urbana norte-mineira, é necessário elucidar as características da estrutura urbana regional e dos principais centros que a compõe: Montes Claros, Pirapora, Janaúba e Januária. O Norte de Minas Gerais configura-se como uma mesorregião (Mapa 1).

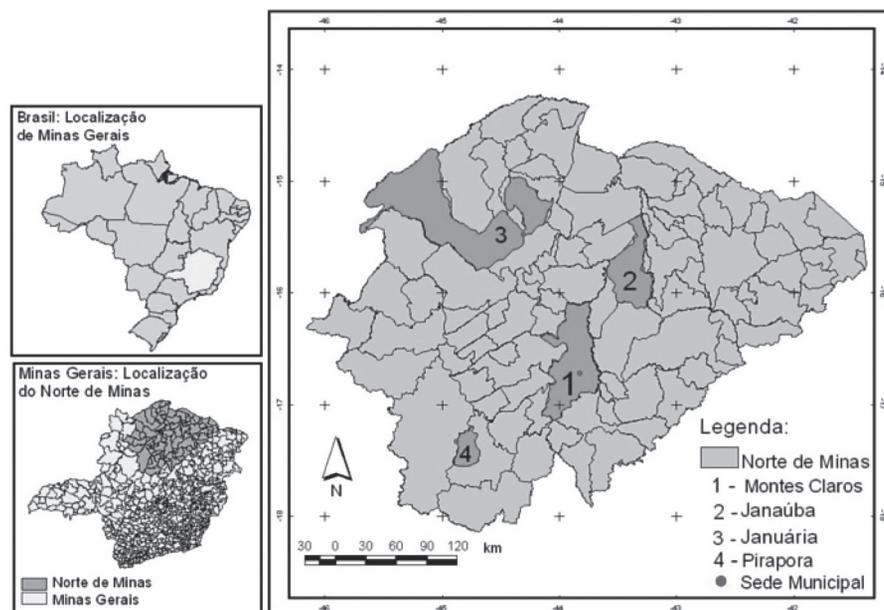
Mapa 1 – As mesorregiões de Minas Gerais



Fonte: Geominas, 2011. Org.: Oliveira, R.S., 2012.

Nas últimas décadas a região Norte de Minas passou por profundas transformações decorrentes da ação desenvolvimentista de órgãos governamentais. Instituições como DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca), Idene (Instituto de Desenvolvimento do Norte e Nordeste de Minas Gerais), CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba) e principalmente a Sudene (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) foram de fundamental importância para promover o desenvolvimento de Montes Claros e da região Norte de Minas Gerais. (Oliveira, 2010).

Mapa 2 – Norte de Minas: localização de Montes Claros e os centros emergentes



Fonte: Geominas. Org.: Oliveira, R.S., 2011.

A inserção do Norte de Minas na área mineira de atuação da Sudene em 1960 promoveu investimentos em infraestrutura, industrialização e modernização na agropecuária nessa região. Montes Claros, Janaúba, Januária e Pirapora, principais centros urbanos norte-mineiros foram bastante beneficiados com os recursos provenientes da Sudene. Esses centros urbanos destacam-se no contexto norte-mineiro no que se refere a seu poder de centralidade em âmbito regional e microrregional.

O Norte de Minas é formado por 89 Municípios, sendo que:

Entre os 89 municípios apenas dez possuem população urbana superior a 20.000 habitantes. Somente Porteirinha, Brasília de Minas, Espinosa, Manga, Coração de Jesus, Espinosa, Itacambá, Francisco Sá, Jafba, Monte Azul e Rio Pardo de Minas possuem entre 10.000 e 20.000 habitantes na área urbana. As demais, uma maioria de 68 municípios, possuem população urbana inferior a 10.000 habitantes, sendo que Santa Cruz de Salinas, Gameleiras, Cônego Marinho, Glaucilândia, Miravânia e Itacambira possuem menos de 1.000 habitantes. (Pereira, 2007, p.176).

Assim, a rede urbana norte-mineira é formada predominantemente por pequenos municípios, três centros emergentes (Pirapora, Janaúba e Januária) e pela cidade média de Montes Claros.

Sobre a dinâmica das pequenas cidades norte-mineiras, “observa-se muitas carências (tanto materiais quanto imateriais), e em decorrência da necessidade de consumo de bens e serviços, leva a uma mobilidade populacional que, por sua vez, cria uma rede urbana regional” (Pereira, 2007, p. 229). Isso revela que a estruturação da rede urbana no Norte de Minas é comandada pela cidade média de Montes Claros, como cidade de maior nível hierárquico, e também pelos três centros emergentes, Pirapora, Janaúba e Januária.

MONTES CLAROS

O Município de Montes Claros está situado no norte do Estado de Minas Gerais, localiza-se a 418 km de distância da capital mineira Belo Horizonte e possui como principal acesso a BR-135. Possui uma área de 3.568,93 km² e população de 361.915 habitantes. (IBGE, Censo Demográfico 2010).

O clima é do tipo tropical semiárido, quente e seco, com período de chuvas concentradas entre os meses de outubro e março. A cobertura vegetal do município é classificada como Cerrado Caducifólio, cerrado Subcaducifólio, com ligeiras ocorrências de cerrado superemifólio. Em algumas áreas próximas a Montes Claros, a vegetação, não bem definida, apresenta-se como espécie de cerrado, floresta caducifólia e mesmo caatinga. (PMMC, 2011).

Montes Claros é uma das maiores economias mineiras representando o 11º lugar no *ranking* municipal de composição do PIB estadual, em 2010. De acordo com o IBGE Cidades (2013), no ano de 2010 Montes Claros apresentou PIB no valor de R\$ 4,5 bilhões. Considerando o PIB por setores econômicos, no ano de 2010, destaca-se a participação do setor de serviços com 74%, enquanto os setores industrial e agropecuário responderam, respectivamente, por 24% e 3% do PIB municipal.

PIRAPORA

O município de Pirapora está inserido no norte de Minas Gerais. Possui uma população de 53.368 habitantes, com uma área territorial de 549, 514 km² (IBGE, 2010).

Pirapora encontra-se a 163 km de Montes Claros em sentido sudoeste e a 347 km da capital estadual Belo Horizonte, tendo como principal acesso a BR-365. O município possui o maior PIB total entre os três centros emergentes norte-mineiros: R\$ 980.542 (IBGE, 2010). Tem no setor de serviços sua maior potencialidade econômica, sendo que esse setor representa 53% e a indústria 44% do PIB municipal.

JANAÚBA

Janaúba está localizada a 137 km de Montes Claros tendo como principal acesso a BR-122 no Norte de Minas e dista 558 km de Belo Horizonte. Possui uma área de 2.181,315 km² e população de 66.803 habitantes. (IBGE, Censo Demográfico 2010). A vegetação predominante do município é a mata seca, com clima tropical, apresentando-se subúmido e semiárido com chuvas irregulares. O município tem na agricultura e na pecuária sua potencialidade econômica (IBGE 2010). Em 2010 o PIB total de Janaúba foi R\$ 614.155 (IBGE, 2010). A prestação de serviços correspondeu a 76% do PIB total, seguida da agropecuária, com 13% (IBGE, 2010).

JANUÁRIA

Januária está localizada a 169 km de Montes Claros em sentido noroeste e a 591 km de Belo Horizonte. De acordo com o IBGE (2010), Januária possui uma população de 65.463 habitantes distribuídos numa extensão territorial de 6.661,653 km². A vegetação nessa região é composta por cerrado, matas secas, caatinga e veredas cobertas de buritis. O clima predominante do município é o tropical, com transição para o semiárido, com precipitações escassas e predominantes no verão. Sua potencialidade econômica está embasada no ecoturismo, uma vez que a região apresenta grande diversidade de áreas naturais, como cachoeiras, rios, 'prainhas', dentre outros atrativos (IBGE, 2010). O município possui PIB total correspondente a R\$ 457.119 (IBGE, 2010). A prestação de serviços é a principal fonte de sua economia, sendo que esse setor representa 82% do PIB total, seguido dos setores agropecuário e industrial, representando 9% do PIB municipal, cada um deles.

OS FLUXOS ENTRE OS MUNICÍPIOS DE MONTES CLAROS, PIRAPORA, JANAÚBA E JANUÁRIA: A MATERIALIZAÇÃO DA REDE URBANA REGIONAL

O conceito de rede urbana refere-se a um conjunto de “nós” interconectados, sendo que a rede urbana é sustentada por esses nós de articulação, que são representados pelas cidades e suas centralidades. A materialização da rede urbana se dá pelos fluxos que estabelecem entre os “nós” de articulação da rede, ou seja, os centros urbanos. Esses fluxos são viabilizados pelas estruturas fixas, uma vez que “os fixos são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo a massa dos homens”. (Santos, 1996, p.77).

Fazendo referência aos fluxos no interior das redes urbanas, Souza (1995, p. 93) afirma que:

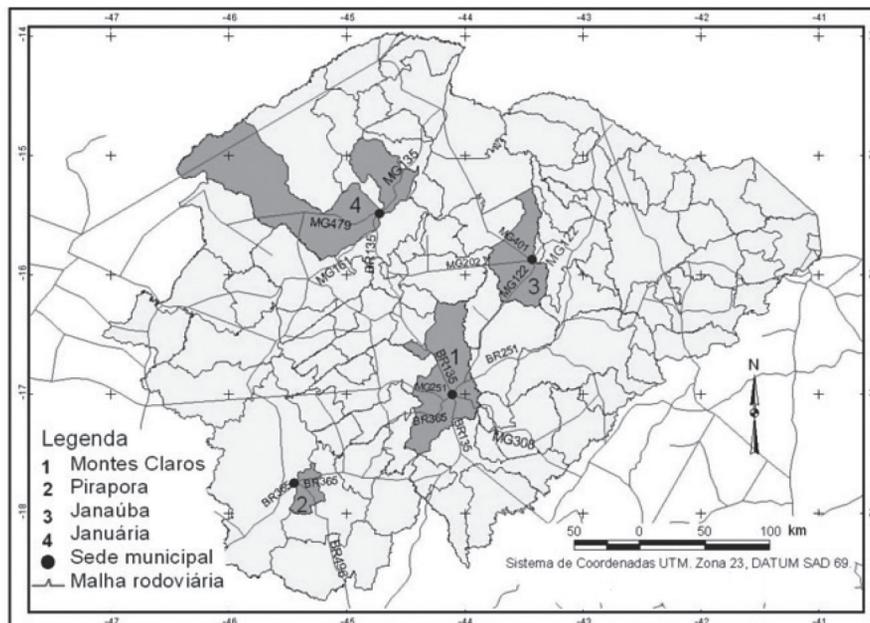
Na rede, o que há é, em termos abstratos e para efeito de representação gráfica, um conjunto de pontos — os nós — conectados entre si por segmentos — arcos — que correspondem aos fluxos que interligam os nós — fluxos de bens, pessoas ou informações — sendo que os arcos podem ainda indicar elementos infraestruturais presentes no substrato espacial — p. ex., estradas — que viabilizam fisicamente os deslocamentos dos fluxos.

Então, percebe-se que a identificação dos fluxos, seu grau de intensidade, sua natureza, são elementos necessários para a análise de uma rede urbana. Para Santos (1988), a análise dos fluxos entre as cidades às vezes é difícil em função da ausência de dados. Contudo, o autor considera que o estudo dos fixos nos permite uma abordagem palpável, através dos objetos localizados, como agências de correios e bancárias, redes de ensino, hospitais, dentre outras. Considera-se ainda que cada fixo corresponda à tipologia do fluxo, portanto, a análise dos fixos indica pontos de partida para a análise da rede urbana.

Nesse sentido, para a compreensão da rede urbana norte-mineira é fundamental a análise de estruturas fixas presentes nos municípios que permitem a realização das trocas entre Montes Claros e os centros emergentes, objeto deste estudo, ou seja, Pirapora, Janaúba e Janaúria.

No estudo das redes urbanas, a infraestrutura de transportes é um fator primordial se partirmos do pressuposto de que os meios de transporte possibilitam as trocas materiais entre os municípios. Nesse sentido, abordaremos a infraestrutura de transporte no Norte de Minas, tendo como enfoque os municípios de estudo. O mapa 3 apresenta a malha rodoviária do Norte de Minas, destacando os municípios de análise deste trabalho.

Mapa 3 – Norte de Minas: mapa rodoviário



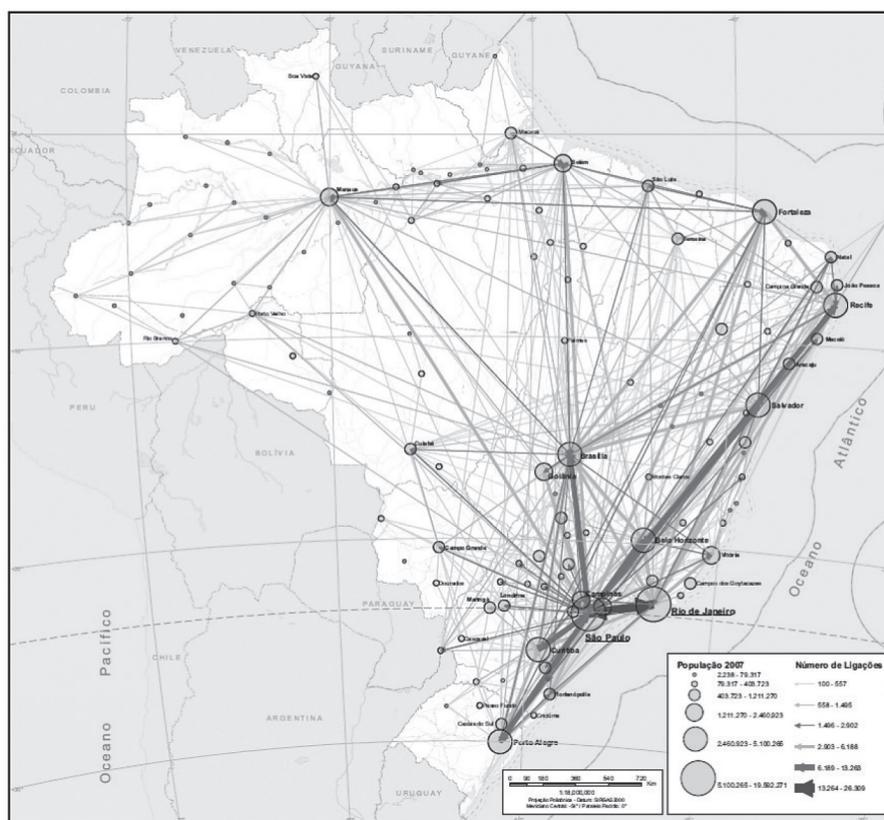
Fonte: CBHSF, 2012. Org.: Oliveira, R.S., 2011.

A partir da análise do mapa 3 observa-se que a Região Norte de Minas é bem servida de rodovias, notadamente, Montes Claros que é classificada pelo Plano Rodoviário Nacional como o segundo maior entroncamento rodoviário do país. O município é cortado pelas rodovias BR 135, BR 365 e BR 251; MG 308 e MG 122. Também os centros emer-

gentes são entroncamentos rodoviários: Pirapora é cortada pelas rodovias BR 365 e BR 469; Janaúba é cortada pelas rodovias MG 122, MG 401 e MG 202, e Januária é servida pela BR 135 e pelas rodovias MG 161, MG 135 e MG 479. Verifica-se ainda, através do mapa 3, que Janaúba, Januária e Pirapora possuem rodovias que as ligam a Montes Claros e a outros municípios que compõem suas hinterlândias, denotando suas centralidades microrregionais.

Montes Claros é servida também pelo transporte aéreo, através do Aeroporto Mario Ribeiro, operando com voos diários que a conecta às demais regiões do Brasil. Sobre as redes de ligações aéreas, conforme o estudo REGIC (IBGE, 2007, p. 161), “o transporte aéreo coloca Montes Claros como um importante pólo regional nesse setor”, pois a centralidade desse serviço faz com que indivíduos se desloquem de outros municípios para Montes Claros para usufruir desse transporte. (França, 2012).

Figura 1 – Brasil: Conexões aéreas, 2004.



Fonte: REGIC, 2007. Org.: França, I. S.; 2012.

Montes Claros possui elevada importância regional ao encabeçar a rede de conexões aéreas no Norte de Minas. O aeroporto dessa cidade atende a população norte-mineira pois é o único da região, de forma que todas as pessoas que utilizam esse tipo de transporte dependem de Montes Claros, remetendo novamente à sua centralidade no setor de transporte aéreo. (França, 2012).

A população atendida pelo aeroporto de Montes Claros é composta, sobretudo, por empresários, médicos, políticos, professores e estudantes que utilizam esse transporte para se deslocar com maior facilidade em um curto espaço de tempo para os grandes e médios

centros urbanos do país. Com isso, Montes Claros polariza o atendimento ou a demanda de consumo de transporte aéreo. (França, 2012).

Nesse sentido, o acesso a Montes Claros pelos municípios norte-mineiros, bem como para outros estados e regiões do país, é facilitado pela infraestrutura dos meios de transportes o que contribui com o movimento populacional constante entre os municípios. A infraestrutura das estradas e os meios de transportes oferecidos à população fazem com que as mobilidades populacionais aumentem no território. (França, 2012).

Dessa forma, a infraestrutura de transporte rodoviário e aéreo instalada nos municípios além de os conectarem entre si, os conectam a outros centros da rede urbana brasileira.

A centralidade urbana é considerada por muitos autores como relevante referencial metodológico para caracterização das cidades integrantes das redes urbanas. Nesse sentido, a centralidade dos núcleos urbanos decorre do oferecimento e da distribuição de bens e serviços para a população. (Christaller, 1966).

Portanto, a busca de bens e serviços pelas populações gera os fluxos que permeiam a rede e a configura como espacialidade urbana. Assim, os municípios integrantes de uma rede urbana buscam bens e serviços entre si, por sua vez, o município mais especializado adquire maior centralidade na rede. No Norte de Minas Gerais, Montes Claros é o município com maior centralidade em relação aos demais municípios.

A população entrevistada¹ nesta pesquisa foi indagada sobre quais os motivos para o deslocamento a Montes Claros (Quadro 2).

1 Para a população dos centros emergentes (Januária, Janaúba e Pirapora), no ano de 2010, foram realizados, respectivamente, 37, 43 e 50 roteiros.

Quadro 2 – Motivos do deslocamento da população dos centros emergentes para Montes Claros/MG, 2010.

Janaúba		Januária		Pirapora	
Motivação		Motivação		Motivação	
Melhor infraestrutura	31,8%	Melhor infraestrutura	15,6%	Proximidade	46%
Proximidade	27,3%	Maior diversidade de comércio e serviços	6,3%	Infraestrutura	42%
Por atender todas as necessidades de consumo	13,6%	Infraestrutura insuficiente na cidade de origem	6,3%	Serviços de Saúde	6%
Maior diversidade de comércio e serviços	9,1%	Serviços de saúde	6,3%	Família	6%
Falta de infraestrutura na cidade de origem	4,5%	Preços mais acessíveis	3%		
Preço acessível	2,3%	Não responderam	62,5%		
Família	2,3%				
Nenhum motivo	9,1%				

Fonte: Pesquisa Empírica, 2010. Org.: FRANÇA, I. S., 2012.

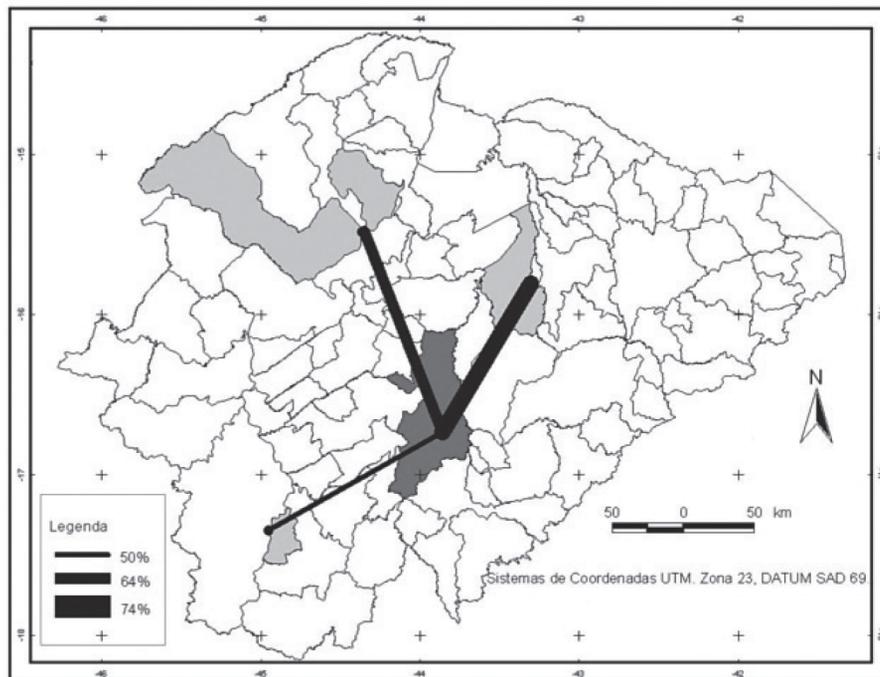
Os principais motivos de deslocamento da população residente em Janaúba, Januária e Pirapora para Montes Claros referem-se à proximidade geográfica, à qualidade da

infraestrutura que essa cidade média possui e as melhores possibilidades de consumo de comércio e serviços especializados.

O mapa 4 representa o grau de intensidade da busca de comércio e serviços de Janaúba, Januária e Pirapora em relação a Montes Claros.²

2 O mapa 4 foi elaborado a partir de entrevistas nas quais indagou-se a população entrevistada sobre quais cidades procuram para o consumo de comércio e serviços especializados que não são encontrados no município de origem.

Mapa 4 – Grau de intensidade da busca de comércio e serviços de Janaúba, Januária e Pirapora em relação a Montes Claros/MG, 2011.



Fonte: IBGE, 2012. Org.: Oliveira, R.S., 2011.

Verifica-se que a maior intensidade das interações entre os principais centros urbanos do Norte de Minas ocorre a partir dos setores de comércio e serviços especializados. Em Janaúba, 74% dos entrevistados buscam comércio e serviços em Montes Claros, sendo que em Januária e Pirapora esse percentual é de 64% e 50%, respectivamente.

Esses dados demonstram a intensidade dos fluxos mantidos entre os principais centros da rede urbana norte-mineira, em diferentes escalas, além da demográfica, a saber: econômica, política, administrativa e cultural. Este estudo ratifica a função de Montes Claros como cidade média e como principal polo concentrador de recursos, bens, serviços e fluxos da região Norte de Minas e permite a análise e compreensão de sua área de influência direta e, com isso, as transformações intra e interurbanas no Norte de Minas Gerais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil vem passando por profundas transformações no que se refere ao processo de urbanização. Devido a essa nova configuração no cenário urbano brasileiro, assiste-se a uma descentralização de atividades econômicas e estruturas produtivas para as cidades médias e pequenas marcando novos papéis dos espaços urbanos não metropolitanos no âmbito nacional e regional.

As cidades são diferentes umas das outras em sua forma e conteúdo, em alguns casos, recebem a conotação de localidades centrais em escala regional. A partir da existência de articulações entre os espaços urbanos, tem-se a constituição de redes urbanas nas mais diversas escalas, as quais se concretizaram em um processo de urbanização difusa que interiorizou o fenômeno urbano em direção a extensos espaços geográficos articulados por cidades médias e metrópoles em formação (Matos, 2005).

Nessa conjuntura, a cidade média de Montes Claros localizada na região Norte de Minas Gerais exerce um papel singular na rede urbana regional. Essa cidade média e os centros emergentes de Januária, Pirapora e Janaúba se materializam como fortes centralidades no Norte de Minas Gerais. Os resultados obtidos neste estudo demonstraram as interações espaciais e econômicas entre a cidade média de Montes Claros e os centros emergentes de Janaúba, Pirapora e Januária, configurando a rede urbana regional. Montes Claros é a principal referência em comércio e serviços especializados e diversificados no Norte de Minas. Os meios de transporte rodoviário, ferroviário e aéreo no Norte de Minas são eixos articuladores da rede urbana regional.

As interações espaciais entre esses centros urbanos são intensas e complexas, ao passo de gerar uma complementaridade funcional onde Montes Claros é o núcleo com funções mais especializadas e diversificadas, articulando-se espacialmente com os demais municípios do Norte de Minas Gerais.

Visando compreender a interrelação existente entre Montes Claros e os municípios de Janaúba, Januária e Pirapora realizou-se pesquisa de campo nos referidos municípios com entrevistas à população. Uma questão dirigida aos entrevistados refere-se a em qual cidade consomem comércio e serviços especializados. Verificou-se que a maior parte da população entrevistada nos municípios de Janaúba, Januária e Pirapora apontou Montes Claros como a primeira cidade onde procuram comércio e serviços especializados não existentes ou insuficientes em seus municípios de origem. Essa procura é motivada, principalmente, pela proximidade geográfica entre esses municípios, variedade dos serviços e comércio, além da infraestrutura apresentada por Montes Claros.

Nessa perspectiva, os setores de comércio e serviços são os maiores geradores de fluxos e fixos em Montes Claros. Nota-se uma dependência das populações de cidades vizinhas, em relação aos serviços oferecidos por Montes Claros que oferecem diversidade e especialização funcional. Isso aumenta a importância de Montes Claros no âmbito regional, definindo seu papel como centro regional no Norte de Minas, gerando na região Norte de Minas fluxos de capitais, mercadorias, produtos, informação e pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM FILHO, O. B.; BUENO, M. E. T.; ABREU, J. F. "Cidades de porte médio e o programa de ações sócio-educativo-culturais para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais". *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro SP, v. 2, n. 23-24, p.33-46, 1982.
- ANDRADE, T. A.; LODDER, C. A. *Sistema urbano e cidades médias no Brasil*. IPEA. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1979.
- CASTELO BRANCO, M. L. "Cidades médias no Brasil". In: SPÓSITO, E. S.; SPÓSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (Org.). *Cidades médias: produção do espaço urbano e regional*. São Paulo/SP: Expressão Popular, 2006. 375p. p. 245-277.

Iara Soares de França é geógrafa; Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU; Professora do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. E-mail: isfufu@yahoo.com.br

Beatriz Ribeiro Soares é geógrafa; Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo; Professora do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. E-mail: brsoares@ufu.br

Artigo recebido em dezembro de 2012 e aprovado para publicação em março de 2013.

- Coletânea de informações sobre o município de Montes Claros*. Disponível em: <http://www.montesclaros.mg.gov.br/desenvolvimento%20economico/div_ind-com/pdf/Dados%20Gerais%20da%20cidade%20de%20Montes%20Claros.pdf>. Acesso em 21/02/2012.
- CORRÊA, R. L. “Rede urbana: reflexões, hipóteses e questionamentos sobre um tema negligenciado”. In: *Cidades*, v.1, n.1, Presidente Prudente, Grupo de Estudos Urbanos, p.65, 2004.
- CHRISTALLER, W. *Central places in Southern Germany*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1966. 230 p.
- DAVIDOVICH, F. R. “Considerações sobre a urbanização no Brasil”. In: CHRISTOFOLLETTI, A. et al (Org). *Geografia e meio ambiente no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1995. 135p. p.79-96.
- FRANÇA, I. S. *Cidade média e suas centralidades: o exemplo de Montes Claros no Norte de Minas Gerais*. 256 f. Dissertação (Mestrado em Geografia e Gestão do Território) – Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia/ Uberlândia, 2007.
- FRANÇA, I. S. *Aglomeración urbana descontínua de Montes Claros: novas configurações socioespaciais*. 393f. Tese (Doutorado em Geografia e Gestão do Território) – Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia/ Uberlândia, 2012.
- GOMES, F. S. *Discursos contemporâneos sobre Montes Claros: (re) estruturação urbana e novas articulações urbano-regionais*. 181 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura da UFMG/Belo Horizonte, 2007.
- OLIVEIRA, R. S. Análise espacial e temporal do processo de verticalização em cidades médias – estudo de caso de Montes Claros/ MG no pós década de 1980 até a atual. In: Fórum de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão da Unimontes, IV., 2010. Montes Claros/MG. *Anais...* Disponível em: <<http://www.fepeg.unimontes.br/index.php/eventos/forum2010/paper/view/229/201>>. Acesso em 21/02/2012.
- PONTES, B. M. S. “As mudanças no processo produtivo capitalista e suas repercussões nas cidades médias nordestinas”. In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (org.). *Cidades médias: produção do espaço urbano regional*. São Paulo: Expressão Popular, 2006, 375p. p. 327-346.
- PEREIRA, F. M.; LEMOS, M.B. “Cidades médias: uma visão nacional e regional”. Seminário sobre Economia Mineira, XI., Diamantina, 24 a 27 de agosto de 2004. *Anais...* Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br>.
- PEREIRA, A. M. *Cidade média e região: o significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerais*. 351f. Tese (Doutorado em Geografia e Gestão do Território) – Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia/ Uberlândia, 2007.
- Região de Influência das Cidades* – REGIC. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/regioes_de_influencia_das_cidades/regic.zip>.
- SANTOS, M. *A urbanização brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1994, 156 p.
- SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*, fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: HUCITEC, 1988. 28 p.
- SOARES, P. R. “Cidades médias e aglomerações urbanas: a nova organização do espaço regional no sul do Brasil”. In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (org.). *Cidades médias: produção do espaço urbano regional*. São Paulo: Expressão Popular, 2006, 375p. p.347-364.
- SOUZA, M. L. “O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R. L. *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.77- 116.

SPOSITO, M. E. B. “Loteamentos fechados em cidades médias paulistas – Brasil”. In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (Org.). *Cidades médias: produção do espaço urbano regional*. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 376p. p. 175-196.

SITES CONSULTADOS

<http://www.almg.gov.br>

<http://www.fjp.gov.br>

<http://www.ibge.gov.br>

<http://www.ipea.gov.br>

<http://www.montesclaros.mg.gov.br>

A B S T R A C T *In recent years, Brazil has been undergoing profound transformations in the urban setting. Thus, the Brazilian urban network is materialized through the aspects of consolidation and spatialization of activities developed in the country. The role of medium cities in that urban structure must be considered highlighting the functions they play in national scope. Therefore, this study analyzed the role played by the medium city of Montes Claros and the spatial and economic interactions established with the emerging centers of Janaúba, Januária and Pirapora in the current north of Minas urban network. In order to collect data, Januária, Janaúba and Pirapora populations were interviewed in 2010, in addition to iconographic records, maps, tables and graphs to comprehend the spatial interactions between cities and, thereby, the regional urban network setting.*

K E Y W O R D S *Urban network; North of Minas; centrality; flow; spatial and economic interactions.*